

Dedicatória

A Olavo de Carvalho, mestre de um aluno anônimo.

A meus filhos Samuel e Gabriel.

“Com um enredo cativante e uma narrativa construída através de personagens aparentemente simplórios, paisagens pitorescas e cenas bucólicas do interior, o autor nos leva a uma profunda reflexão sobre o que se oculta por trás das mais comuns ideologias que marcaram a humanidade nos séculos passados, recebidas pela grande maioria dos estudiosos como avanços do melhor do pensamento humanístico, que não se apercebem de suas nefastas conseqüências no mundo hodierno e para as futuras gerações.”

Prof. Dr. Walney Costa
Faculdade de Direito de Ribeirão Preto
Juiz da Vara Federal Trabalhista

Uma breve apresentação

Este livro nasceu de uma inquietação pessoal, uma preocupação com os rumos que as pessoas ao meu redor, minha cidade, meu país e o mundo vão tomando face a várias situações a que se determinou chamar de “modernidade”, “sinal dos tempos” e outros termos fatalistas atribuídos ao acaso, à fatalidade, como se a situação em que vivermos no presente não fosse pura e simplesmente consequência de ações humanas programadas.

Com esse espírito de inquietação resolvi criar uma história fictícia romanceada onde vou apondo elementos de realidade oriundos das experiências de vida, da observação dos fatos do dia a dia ao longo de vários anos, da convivência com pessoas de todos os tipos que constituem a miscelânea étnica e cultural do povo brasileiro, da análise da história do Brasil e mundial, bem como das notícias veiculadas na mídia nacional e internacional.

Também fazem parte desse livro minhas experiências espirituais que provém de estudos informais e observação dos vários ramos da religião cristã, das diversas igrejas e doutrinas que ao longo dos anos fui compilando e comparando interpretações, a exegese, a hermenêutica das várias correntes dentro do cristianismo.

O que se poderia chamar de pesquisa, no caso destas páginas, se constituiu de leitura e análise de vários textos anônimos encontrados na internet, bem como outros de autores conhecidos e a releitura de alguns livros.

Dentre os autores conhecidos faço questão de destacar e reverenciar o Professor Olavo de Carvalho, filósofo, jornalista e escritor a quem dedico essas páginas, uma vez que as influenciou sobremaneira; o Dr. Heitor de Paola, médico, psicanalista, escritor e comentarista político; o bacharel em Ciências Náuticas e Analista Tributário da Receita Federal, Klauber Cristofen Pires, do blog Libertatum; Júlio Severo, escritor e um dos mais destacados articulistas pró-família; o

economista e mestre em Administração de Empresas José Nivaldo Gomes Cordeiro; o arquiteto, empresário, escritor e conferencista Percival Puggina, entre outros pensadores que se dedicam, antes de tudo, à verdade, e compartilham com todos sua vasta experiência por amor aos princípios da verdadeira justiça, com coragem de remar contra a corrente deste presente momento em que vivemos.

Os assuntos de que trato aqui não são novidades para muitas pessoas que se mantêm informadas e buscam outras fontes além da grande mídia nacional, a diferença ficando por conta da ótica cristã e bíblica sob a qual interpreto os fatos e situações históricas recentes, partindo de eventos milenares.

Também tento imprimir em minha narrativa o tom regional e mesmo um tanto caboclo que me é característico, como a história fictícia que faz um pano de fundo para os debates entre os personagens, e que pretende tornar mais inteligíveis os conceitos aqui expressados, na esperança de alcançar o maior número possível de pessoas, democratizando não apenas minhas opiniões, mas a própria informação de há muito negada a todos pela grande mídia nacional e mundial.

J.H. Montans Condé

O Erro de Deus

- I -

“E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança: e domine sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que rastejam sobre a terra.”. (Gênesis 1: 1, 2 e 26)

As férias, para mim, sempre significaram inquietação, ansiedade, tédio, como uma síndrome de abstinência dos viciados quando privados do objeto do vício.

Mas, estava em férias! Foram impostas por meu chefe na redação do jornal, ordens que, devo admitir, recebi sem o costumeiro mau humor, dessa vez pelo fato de estar realmente mal. Recém-saído de um divórcio atribulado que me desgastou além do que imaginava, me encontrava em um estado de depressão, cansaço mental e físico, desanimado e incapaz de escrever uma só linha, quando JG me veio com aquele seu jeito expansivo:

- Arthur, meu velho, durante trinta dias não quero ver suas fuças por aqui. Desta vez você vai mesmo. Vá pescar, vá à praia, vá amarrar um pileque por dia, mas descanse e só volte quando esse marasmo se extinguir.

À tarde, quando deixei o jornal, senti um vazio dentro de mim, uma ausência de qualquer objetivo, a imagem do apartamento vazio, a cama desarrumada, os talheres sujos na cozinha a me invadir as lembranças recentes, e agora também desnorteado à procura do que fazer, para onde ir com esse hiato à frente. No entanto, curiosamente, não desejava desesperadamente voltar ao computador, não sentia aquele velho impulso de mergulhar em um texto qualquer.

Comprei uma revista na banca próxima, coisa de todo dia, como um robô programado, e tomei o ônibus.

Era uma quinta feira. Sentado em um banco lateral, olhando as pessoas sem olhar ninguém, comecei a imaginar a rodoviária lotada, congestionamentos, malas, a ansiedade crescendo, e me dei conta da irracionalidade desses pensamentos, uma vez que não sabia sequer se ia a algum lugar, se iria de ônibus ou no meu velho Gol cinza, se levaria malas ou não.

Decidi ficar em casa, comer sanduíches, beber cerveja até mais não poder e dormir o sono profundo dos bêbados. Amanhã pensaria em algo.

Fiquei no apartamento tentando decifrar a solidão, o vazio da minha caverna fria, a ausência de qualquer sentimento, qualquer vontade além das necessidades básicas, jogado na poltrona e entregue à mesmice da programação da TV, decidido a movimentar-me o menos possível.

Salvo uma ou duas descidas à rua para o reabastecimento, permaneci hibernado até no domingo, quando me cansei da preguiça e comecei a fuçar por aqui e por ali, remexendo os armários à cata de velhos guardados.

Descobri, esquecida no fundo do guarda-roupa, uma caixa de madeira com desenhos em alto relevo, velha e já gasta no verniz, a caixa de costuras de minha mãe. Estava cheia de fotos antigas que fui olhando demoradamente, uma a uma, as reminiscências, as saudades molhando-me o espírito.

Lá estava minha mãe à máquina de costura, com os óculos de tartaruga na ponta do nariz, meu pai com o quepe de ferroviário ao lado do antigo telégrafo, nossa casa grande, espaçosa, que na realidade pertencia à companhia de estradas de ferro e tinha um quintal imenso onde meu pai cultivava uma horta e dava verduras para todo mundo. E lá estávamos, eu e minha irmã, sujos de terra, brincando perto dos pés de mandioca.

Revi, nas fotos e em recordações despertadas por elas, os companheiros ainda jovens, os dias e noites de Jitirana.

Jitirana, cidadezinha modesta, descansada na encosta do morro, que, de São Paulo, contempla as Minas Gerais. Jitirana

que ouviu meu primeiro choro, que assistiu às inúmeras peripécias de minha infância, que testemunhou minhas juras de amor eterno às namoradas, aquela influência que os romances que líamos na época exercem nas mentes muito jovens e sonhadoras. Amores eternos que não sobreviviam por mais de um mês.

Passsei um bom tempo ali, sentado no chão, até que o grito agudo do telefone me trouxe ao presente.

- Olá, Arthur, tudo bem?

- Doutor Carlos Alberto! Que surpresa agradável!

- Meu caro, apronte-se e me espere na portaria. Vamos tomar um chope em qualquer lugar.

- É pra já, doutor. Só me dê uns minutos para jogar uma água no corpo.

Dr. Carlos Alberto era sempre assim: econômico nas palavras, incisivo, principalmente ao telefone, segundo ele, invenção maravilhosa desde que não se falasse até esquentar a orelha.

O doutor é uma daquelas pessoas que se pode chamar de grande amigo. Cardiologista de grande prestígio, bem sucedido sob todos os pontos de vista, honesto e justo, uma companhia agradabilíssima, um senso de humor refinado e mente brilhante. Seu convite arrancou-me daquele estado nostálgico e em poucos minutos estava à portaria do prédio, no Irajá, perto da praça.

Fomos à Avenida Presidente Vargas, numa choperia e cantina que meu bolso jamais poderia pagar e onde o doutor era estimado como todos os bons e antigos fregueses o são e onde era conhecido de todos, do gerente ao faxineiro.

- O de sempre, doutor?

- Para mim o de sempre, Carlos! Meu amigo jornalista aqui deve querer um chope.

Assenti e aguardei sem dizer nada, pois, se é que conhecia meu amigo, até o segundo chope a conversa seria monossilábica. Vieram dois copos e uma porção de excelente provolone, vieram outros dois e então o doutor foi direto ao assunto.

- Meu amigo, vou convidá-lo para ir comigo a Minas, como já fiz outras vezes, mas dessa vez não aceitarei um não, nem desculpas esfarrapadas, pois já liguei para o seu jornal e sei que está de férias.

E eis que meu dilema sobre o que fazer com o tempo estava resolvido. Férias numa fazenda tranquila em Minas: ar puro, boa comida, silêncio, boas histórias, boa cachaça, cigarro de palha; que mais pode querer um homem que se julgava perdido?

De repente outra idéia me ocorreu:

- Doutor, quando pretende viajar?

- Iremos na sexta feira cedo, meu caro; trate de não amanhecer de ressaca.

- Eu gostaria de lhe pedir uma coisa: podemos passar em Jitirana no caminho? Eu não vejo minha cidade há muitos anos.

- Você é de lá, Arthur? Pensei que fosse de São Paulo!

- Não, doutor, eu nasci e cresci em Jitirana. Saí de lá para ir estudar em São Paulo. Me formei, arranjei um emprego em um jornal e fiquei até me separar. Depois me transferi para o jornal aqui, mas, por algumas razões particulares, nunca voltei a ver minha terra, apesar da proximidade.

O doutor pensou um pouco, com um sorriso divertido, e disse, para surpresa minha:

- Mais que isso, meu amigo. Não tenho mesmo hora marcada para chegar à fazenda! Podemos passar o dia em Jitirana; você revê sua terra e eu conheço melhor essa cidadezinha simpática. Podemos sair mais tarde então.

No outro dia, às dez horas, Dr. Carlos Alberto encostou sua Mitsubishi preta, cabine dupla, na porta do prédio e embarquei com minhas malas. Apesar da hora, fazia frio e eu estava metido em um velho capote grosso até os joelhos, cheirando a naftalina pelo longo tempo de armário.

Tomamos um café da manhã reforçado no primeiro posto, onde enchemos o tanque, e partimos.

Menos de uma hora depois entrávamos em Jitirana. O vento frio e seco de junho varria as ruas e, nessa minha primeira impressão depois de muitos anos, era a única coisa que não mudara. O mais estava irreconhecível para mim. Invadiu-me uma angústia, um sentimento de vazio inexplicável enquanto contemplava, mudo, as casas, as lojas, as pessoas, tudo se embaralhando em minha mente, engolindo a rua principal que percorríamos devagar, alongando a distância e, durante um tempo que me pareceu interminável, cresceu em mim uma sensação de peso até chegarmos à praça da matriz e então, para meu alívio, o passado retornou.

A igreja, assim como a praça, apesar de visíveis reformas, conservavam ainda o ar de outros tempos, e essa simples visão trouxe-me uma inexplicável alegria, a emoção do reencontro. A partir daí tudo me parecia exatamente como antes. Até as pessoas pareciam as mesmas e respirei aliviado.

O doutor, que me observava de soslaio, calado, estudando minhas reações, finalmente quebrou o silêncio:

- Recordações, meu velho? Creio que posso entender isso!

- Doutor, eu fui para São Paulo há quase quarenta anos e só estive aqui dez anos depois, quando minha mãe se foi. Por um pouco acreditei que estávamos em outro planeta!

- Mas o que esperava, meu velho? O tempo passa! E, pelo que vejo, no seu caso, muito tempo!

- É verdade! A sensação era a de como se tivesse guardado uma foto antiga por muitos anos e, ao tirá-la do bolso, descobrir uma imagem estranha!

- Rapaz, acho que conheço sua cidade hoje bem melhor que você, apesar de vê-la só de longe. Vamos procurar um hotel, arranjar um quarto e depois podemos tomar uma cerveja e planejar seu retorno real. Deixemos o resto da viagem para amanhã.

O hotel foi outra surpresa. Esperava o hotelzinho simples, único em minha época, mas rodamos muito mais, atravessamos uma avenida que não era para estar lá e paramos em frente a algo da época atual, a meu ver, um exagero para uma cidade minúscula como Jitirana, enquanto

eu imaginava a expressão de idiotice que estaria estampada em minha cara.

O doutor tratou da burocracia na recepção e eu permaneci na rua, como uma estátua a observar à minha volta.

Voltamos à praça da matriz e nos acomodamos no bar, numa mesa bem à porta, observando o movimento da rua. Eu já estava ficando meio repetitivo nos pensamentos, querendo comparar tudo o que via com um tempo distante, morto e enterrado. Inconscientemente tentava uma ressurreição de mim mesmo e percebi que me tornava insistente e, para ser honesto, chato.

Abandonei a meditação e me concentrei na cervejinha gelada e no meu papel de cicerone do passado.

Durante algum tempo conversei com o doutor sobre a cidade, sobre gado leiteiro e cultura de café, sobre lugares que poderíamos visitar no pouco tempo que tínhamos e, numa pausa, ao me dirigir novamente ao balcão, observei, curioso, alguém deitado no banco da praça, bem em frente, do outro lado da rua. Um cobertor sujo e puído cobria-lhe todo o corpo, deixando à mostra apenas um pouco de cabelos grisalhos.

Aquela figura deixou-me incomodado. Depois de tantos anos em São Paulo, deveria ter-me acostumado com a visão de mendigos espalhados pelas ruas, dormindo embaixo de viadutos, misturados em papelão, sujos, bêbados, com os olhos rodeados de secreções amarelas, mas não consegui jamais ficar indiferente, e ali em minha cidade o impacto foi maior, deixou-me arrasado. Conversava com o doutor abreviadamente, sem conseguir me desligar, olhando a cada minuto para aquele cobertor sem uma cor definida, aquele tufo de cabelos brancos cobrindo o braço dobrado que lhe servia de travesseiro.

De repente ele se mexeu; virou para um lado e outro e começou a se erguer, sentou-se vagarosamente, as cobertas escorregando até a cintura.

E pude ver-lhe o rosto por entre a vasta cabeleira e a barba grisalhas e desgrenhadas.

Chocado, invadido de taquicardia, abri a boca sem nenhum som, engasgado, e quando consegui balbuciar alguma coisa estava tomado de uma gagueira que deixou meu companheiro embasbacado.

- O que é isso, Arthur? O que está acontecendo? Parece que viu um fantasma!

- E vi, doutor! Um fantasma, uma assombração!

Como continuasse boquiaberto sem nada dizer, doutor Carlos Alberto olhou para o banco do jardim, observando o homem. Olhou para ele e para mim sem entender nada.

- Arthur, acorde, é só um mendigo!

- Não, doutor, não é só um mendigo, é "aquele" mendigo!

- O que tem ele?

- É um amigo, doutor, um grande amigo que não vejo há muito tempo. Mudou demais, mas eu o reconheço assim mesmo e estou me perguntando que desastre aconteceu com ele!

Doutor Carlos Alberto pensou por alguns segundos e ordenou-me:

- Vá até lá e descubra!

Levantei-me apressado e atravessei a rua quase às carreiras.

- Isaías?

Olhou-me com os olhos vermelhos e distantes, sem nada dizer, indecifrável.

- Isaías Figueira! Lembra-se de mim? Sou o Arthur; Arthur Vicente, ... lá da estação de trem!

- Ah, olá, Arthur! – a voz lhe soava sem qualquer emoção.

- Venha comigo, Isaías, vamos até o bar pra conversar um pouco.

- Faz muito tempo, Arthur! – sua voz soou tristonha.

- Sim, meu amigo, muito tempo! Muito tempo mesmo!

Ele enrolou aquele baixeiro desajeitadamente e seguiu-me com um passo incerto, os movimentos preguiçosos, até a mesa. O doutor apertou-lhe a mão com intimidade de velhos conhecidos e ele foi acomodar sua "cama" em cima das caixas de garrafas vazias, atrás de uma mesa de sinuca. De lá seguiu para os fundos onde ficava o banheiro.

Voltou dali a pouco, com os cabelos molhados, enxugando o rosto na manga da camisa suja.

- Pegue um copo e sente-se, companheiro. Vamos conversar um pouco, reviver os velhos tempos.

- Tudo bem mas, se você não se importa, eu gostaria de tomar uma cachaça.

- Peça aí o que quiser; fique à vontade.

Ele encostou-se ao balcão e pediu:

- Júlio, uma pinga. Encha o copo, por favor.

- Quem é que vai pagar? – o dono do bar olhava-o com um ar de desprezo.

Meu Deus, aquela frase, aquela cena foram, para mim como um soco no estômago e as lágrimas me toldaram a visão.

Mas Isaías não se abalou, acostumado que devia estar a esse tipo de tratamento. Disse serenamente que estava conosco, o que confirmei ao rapaz com um gesto de assentimento, e o copo foi cheio até derramar pelas bordas.

Fiquei observando seus movimentos atentamente, me sentindo mal com toda aquela situação. Ele inclinou-se, levou a boca ao copo sem tocá-lo com as mãos e sorveu um gole bem grande. Só então pegou a cachaça com as duas mãos, tremendo incontrolavelmente e veio sentar-se conosco, assentando o copo sobre a mesa e arredando a cadeira para mais longe.

Olhou para nós, para as mãos trêmulas, de unhas sujas, meio constrangido, e disse com voz sumida, desculpando-se:

- Daqui a pouco isso passa!

- É, ... passa! – sentia-me com o coração apertado – Mas chegue mais perto!

- Não, meu amigo, é melhor ficar por aqui mesmo. Faz mais de quinze dias que não tomo um banho. Lá no lago, a água está muito fria para se tomar um banho à noite!

Calei-me e forcei um sorriso. Não sabia o que dizer, se devia perguntar alguma coisa, se falava algo com o doutor, mas depois de um minuto acabei por fazer a pergunta inevitável:

- Meu amigo, me desculpe a curiosidade e o espanto, mas o que aconteceu com você?

Ele sorriu um sorriso amarelo.

- Meu grande Arthur, a história é uma bíblia, uma enciclopédia, de vários anos! Não dá para contar aqui em poucos minutos, creio que mesmo horas.

O doutor, que até então apenas observava calado, pensativo, analisando os acontecimentos, surpreendeu-me com uma proposta inesperada.

- O que você acha de contar essa história toda para nós? Creio que não deve ter muitos afazeres por aqui, não é?

- Realmente não, doutor! – ele disse com um sorriso.

- Pois então façamos o seguinte: você vem conosco para Minas, passa uns dias com seu amigo em minha fazenda, descansa, espairose um pouco, come uma gostosa comidinha mineira e põe o assunto em dia, naturalmente contando com minha curiosidade.

Fiquei espantado com essa oferta repentina. Isaías olhou para mim, inquisitivo, e por fim achei a idéia excelente.

- Feito, doutor!

E assim arquivamos o assunto.

Do bar fomos direto a um barbeiro, ali na praça mesmo, onde a faxina começou pela cabeça: cabelo e barba. Em seguida a uma loja onde Isaías, meio sem jeito, escolheu duas mudas de roupa e um par de sapatos, e depois ao hotel para um banho que demorou uma hora. Quando saiu, limpo e vestido decentemente, era outro homem.

- Desculpe a demora, amigo. Eu desejava lavar a alma também!

No restaurante ele não comeu nada. Limitou-se a ficar bebendo cachaça e cerveja, enquanto aquela depressão pós-alcoólica se esvaía e ele ia ficando mais desinibido e loquaz.

O doutor se divertia com aquele seu jeito cômico, meio caipira no palavreado, a contar uma história boba entre outras besteiras. Depois demos umas voltas pela cidade, eu contando histórias ao doutor, coisas de minha infância e adolescência e então, entusiasmado, tive uma idéia idiota.

- Doutor, a fazenda da família do Isaías é bem perto, não gostaria de conhecer?

Meu amigo de infância que até então estivera sorridente e conversador, calou-se de repente, o sorriso se esvaindo do semblante e os olhos verdes enchendo-se de lágrimas.

- Arthur, acho melhor não! Se quiserem, podem ir, mas me deixem lá naquele bar mesmo onde nos encontramos. Eu espero por vocês.

Dei-me conta de minha cretinice! Como pude deixar de ver o óbvio? Ali a meu lado estava um homem destruído, e eu o magoara com lembranças certamente amargas.

Constrangido, calei-me sem mesmo me desculpar.

Mas o doutor, que logicamente notara minha gafe, socorreu-me com sua presteza habitual.

- Ora, deixa pra lá. Vamos para o bar que hoje estou com sede. Quero acabar com estoque de cerveja desta cidade!

Refizemo-nos e passamos a tarde.

À noite, Isaías alojado em nosso hotel, jantar e cerveja de novo, mas logo resolvemos ir para o hotel. Isaías, um tanto constrangido, disse:

- Vocês se importam que eu fique no bar do hotel?

- Por que, meu amigo? – eu disse, imaginando como ele se sentia - Precisa beber mais um pouco?

- Sim, Arthur, infelizmente! Meu organismo se acostumou a uma grade quantidade de álcool e se não beber mais um tanto não conseguirei dormir.

Eu compreendi a situação e dei-lhe algum dinheiro, o suficiente para que ele bebesse o quanto pudesse aguentar sem ter de pedir mais a ninguém. Ele pegou as notas, visivelmente envergonhado, e eu disse:

- Vá a qualquer lugar que estiver acostumado, meu amigo. Só se lembre que amanhã sairemos cedo.

Ele assentiu com um gesto e se foi.

No outro dia, o telefone na cabeceira tocou às cinco e meia da manhã e me admirei de ver Isaías já de pé, esperando por mim e tomando cachaça de uma garrafa que devia ter comprado na noite anterior.

Já na porta do hotel, Isaías foi até um latão de lixo na beira da calçada e jogou lá uma sacola plástica. Olhou para nós e disse:

- É a roupa que eu usava quando vocês me encontraram. Estou jogando fora um passado recente.

Ganhamos a estrada, o lusco-fusco da aurora desenhando os contornos da serra mineira.

A sede da fazenda Ponta da Pedra surge à frente, logo após uma curva do caminho. Havíamos deixado o asfalto quilômetros atrás e a poeira vermelha se fazia ao ar às nossas costas, densa, e a picape rompia em marcha moderada pela estrada estreita, os pneus chiando no cascalho.

A visão da casa grande, alta, em estilo colonial, com muitas janelas, avarandada, no centro de um verdadeiro bosque de ipês, floridos àquela época do ano, é uma fotografia de se tirar o fôlego. Ao fundo ergue-se um morro alto, austero e imponente, bordado de ramos e árvores verdes na encosta, e coroado por um pico de pedra nua, de onde o nome da fazenda, obviamente.

A estrada morre em uma porteira antiga, de bálsamo, onde nos esperava um caboclo alto, pele tostada do sol, forte e sorridente, chapéu de feltro surrado e cigarrinho de palha entre os dentes.

Ele fechou a porteira após nossa passagem e seguiu atrás do carro até a escadaria em frente à casa, onde, tirando o chapéu nos estendeu a mão calosa e firme.

- Este é o Josias, - apresentou o doutor - o dono da fazenda na minha ausência.

Cumprimentamos o caboclo que se desmanchava em sorrisos com uma timidez receptiva, as boas vindas expressas no rosto alegre, e subimos a escadaria de pedras brancas em semicírculo suave que leva à porta da frente, alta, de folha dupla, após a larga varanda.